



## Tempos de Turbulência na Rádio Dragão do Mar<sup>1</sup>

Carolina VERAS<sup>2</sup>  
João CAVALCANTE<sup>3</sup>  
Taís SANTIAGO<sup>4</sup>  
Alessandra OLIVEIRA<sup>5</sup>  
Erotilde HONÓRIO<sup>6</sup>

Universidade de Fortaleza, Fortaleza, CE

### Resumo

Este trabalho apresenta a trajetória da Rádio Dragão do Mar, desde sua criação até o momento em que foi fechada pelos militares, durante a ditadura. Trata-se de um estudo de caso de uma emissora que participou ativamente de importantes episódios políticos nacionais e locais que se deram entre os anos de 1958 e 1964. Descreve, portanto, momentos relevantes da radiofonia cearense. Para a produção deste artigo, foram consultados referenciais bibliográficos (dentre eles, o livro do jornalista e radialista Blanchard Girão, que vivenciou a experiência daquele período) e vídeo (de Nazareno Albuquerque, produzido pelo Grupo de Pesquisa História e Memória da Radiodifusão Cearense), além de pesquisa a documentos históricos, os jornais da época. Foi ainda realizada entrevista com uma pessoa influente da área, o jornalista e radialista Messias Pontes.

**Palavras-chave:** radiodifusão; história; memória.

### Introdução

Entre os anos de 1958 e 1964, deu-se o período mais intenso na história de uma emissora que nasceu para lutar contra injustiças e apoiar o povo brasileiro. A Rádio Dragão do Mar ganhou vida em 58 e veio com a função de virar o jogo contra o sistema político que estava em vigor. Desde seus primeiros anos, a “Dragão” teve seus passos ditados pelas atitudes governamentais, colocando-se sempre ao lado de estudantes e de quem precisasse de apoio, tornando-se então referência em se tratando de protestos e

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática Comunicação Audiovisual, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 6º semestre do Curso de Publicidade e Propaganda da UNIFOR, email: [carolinaveras@hotmail.com](mailto:carolinaveras@hotmail.com)

<sup>3</sup> Estudante de Graduação 6º semestre do Curso de Publicidade e Propaganda da UNIFOR, email: [joão.ocavalcante@hotmail.com](mailto:joão.ocavalcante@hotmail.com)

<sup>4</sup> Estudante de Graduação 6º semestre do Curso de Publicidade e Propaganda da UNIFOR, email: [taissantiago@hotmail.com](mailto:taissantiago@hotmail.com)

<sup>5</sup> Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Publicidade e Propaganda da UNIFOR, email: [alessandraoliveira@unifor.br](mailto:alessandraoliveira@unifor.br)

<sup>6</sup> Orientadora do trabalho. Coordenadora do Grupo de Pesquisa História e Memória da Radiodifusão Cearense, email: [eroh@uol.com.br](mailto:eroh@uol.com.br)



reivindicações. Por ter o histórico de “revolucionária”, a rádio passou por diversas situações em que fora perseguida e atacada por militares ou grupos de extrema direita. Neste trabalho vamos mostrar, tendo como referência uma pesquisa feita em textos, vídeo e entrevista, a trajetória da emissora durante esse período de transição política, mostrando fatos e afirmando a importância da Rádio Dragão do Mar para a história da radiodifusão cearense.

## **Metodologia**

Para a elaboração deste artigo, que se trata de um estudo de caso, foi necessária consulta a fonte bibliográfica, representada pelo livro do radialista Blanchard Girão: “Só as armas calaram a Dragão”. O autor vivenciou a chamada primeira fase desta emissora, que se estendeu de 1958 a 1964. Além disso, foi realizada pesquisa a documentos históricos, os jornais da época, como Tribuna do Ceará, O Povo, Gazeta e Correio do Ceará.

Foi consultado ainda, para ilustrar com sua opinião a respeito da Rádio Dragão do Mar, o vídeo de Nazareno Albuquerque, que também presenciou e trabalhou na emissora durante sua fase mais popular. O vídeo foi produzido pelo Grupo de Pesquisa História e Memória da Radiodifusão Cearense no ano de 2008.

Por fim, foi realizada entrevista com o famoso jornalista, radialista e presidente do Comitê de Imprensa da Assembléia Legislativa, Messias Pontes, com a finalidade de registrar sua opinião em relação ao fechamento da famosa rádio, após anos de sucesso com o público.

## **A “Dragão” em meio à turbulência**

Em 1958, nasce a Rádio Dragão do Mar, em um momento onde a política brasileira caminhava para uma ditadura militar. No ano de 58, a UDN (União Democrática Nacional) governava o estado do Ceará e tinha à sua disposição a Rádio Verdes Mares, dando apoio à campanha política do partido. Em contrapartida, o PSD (Partido Social Democrático) lutava para chegar ao governo e sentiu a necessidade de ter o apoio midiático que o rádio oferecia naqueles tempos. Nesse contexto político e histórico,



nasce a Rádio Dragão do Mar. Em pouco tempo de existência, a emissora já atingia um número muito grande de ouvintes, batendo suas concorrentes com diferenças enormes. Logo nos primeiros anos, a “Dragão” esteve presente nos mais importantes eventos e acontecimentos nacionais da época. A inauguração da nova capital do país, Brasília, foi acompanhada de perto pela equipe da “Dragão”. Em março de 1960, o arrombamento do açude Orós vira tragédia e é noticiado pela rádio. Sem demora, a emissora torna-se uma aliada do povo, nas lutas estudantis e em protestos contra manobras governamentais. Como no final do ano de 1958, quando, em frente à Assembléia Legislativa, formou-se um protesto comandado por um carro da “Dragão” equipado com um transmissor portátil. E foi em meio a muita turbulência política que nasceu e cresceu a Rádio Dragão do Mar.

Em 1959, o Brasil passava por momentos dramáticos em sua política. Jânio Quadros, o atual presidente, resolve renunciar ao cargo e seu vice, João Goulart, estava longe do país, abrindo um vácuo político administrativo. Temendo a volta do Getulismo através de Jango, os ministros militares resolvem vetar a posse do sucessor legal ao cargo da presidência, levando o golpe a tomar proporções nacionais, dando início a uma série de repreensivas a quem ia de encontro à manobra governamental e à censura da imprensa. Foi entre agosto e setembro de 1961 que o Brasil viveu os seus dias mais dramáticos, e a “Dragão” foi a única rádio do estado a não se submeter à censura imposta pelos militares.

Reunindo no prédio dos correios os dirigentes das emissoras, o Exército, através de um coronel, por palavras eufêmicas e sutis, mas irreconhecíveis, deliberou que nenhuma notícia sobre o que se passava no Rio Grande do Sul deveria ser transmitida pelas rádios da cidade. Todos concordaram com a ordem do militar, com a discordância apenas do representante da “Dragão”, que era a minha humilde pessoa, afirmando não termos como, sem prejuízo do nosso compromisso com o público, fazer autocensura, embora submetendo-nos a uma ação proibitiva direta por parte do Exército. (GIRÃO, 2005, p. 87)

Foi assim que a “Dragão” entrou para a “lista negra” no conceito dos militares. A partir daí, inicia-se uma intensa “caça” aos radialistas e uma, mais intensa ainda, fuga daqueles que eram perseguidos.

Ainda em 1961, alguns episódios críticos atingem a “Dragão”. Ao receber a informação de que um grupo de extrema direita planejava invadir os estúdios da rádio e destruir os



transmissores, a direção imediatamente adotou medidas extremas e ligou corrente de alta tensão nas cercas de arame farpado que cercavam a rádio. Provavelmente graças a essa medida, os invasores não chegaram a efetuar o ataque, porém um militar do Exército permanecia lendo previamente todas as notícias que seriam anunciadas na programação da rádio e proibia a divulgação daquilo que ferisse os propósitos militares.

Em seus seis anos de existência, a “Dragão” absorveu uma imagem de “rádio do povo”. Manifestantes estudantis vinham de todos os lados em direção à sede da Rádio Dragão do Mar, em busca de proteção, pois sabiam que teriam apoio contra a repressão. Desde o começo, a rádio esteve a favor da democracia e do povo, como relata Blanchard Girão em seu livro “Só as armas calaram a Dragão”:

Esse prestígio, como vimos em relatos anteriores, aconteceu num crescendo, a partir da jornada eleitoral de 58, com a vitória de Parsifal Barroso para o governo do Estado, mas ganhou seu apogeu, quando assumiu decidida posição em favor da posse de João Goulart na vaga aberta com a renúncia de Jânio Quadros (...) A todo momento, a programação normal da emissora sofria interrupções para registro de uma visita de grupos que a procuravam para apresentar suas reivindicações. (GIRÃO, 2005, p. 99)

Além de apoiar manifestos estudantis, a rádio ergueu a voz contra diversas outras injustiças vividas no país. Contra a dominação da indústria farmacêutica pelos laboratórios estrangeiros; apoiando o plebiscito que devolvia a plenitude dos poderes a João Goulart; engajando-se na luta pela aprovação das reformas de base da sociedade brasileira, com ênfase para a agrária.

Foi então, no ano de 1964, em meio a tanta turbulência política e militar, que a Rádio Dragão do Mar sofreu o golpe final. No dia 1º de abril desse mesmo ano, por volta da meia-noite, quando o dia terminava e o relógio voltava ao ponto inicial, partiram da rádio palavras contra o movimento armado que resgatava a Constituição e lançava o país em direção a um regime despótico com consequências inesquecíveis para quem as sofreu.

Tropas embaladas cercaram a sede da emissora, localizada à Av. do Imperador, e os soldados, comandados por oficiais golpistas, passaram a prender quantos estavam naquela ocasião conclamando a sociedade e o governo do Estado a defenderem as instituições democráticas. (GIRÃO, 2005, p. 95)



No momento em que foi cercada, a rádio era comandada por Nazareno Albuquerque ao microfone e Orlando Braga na técnica. Orlando, o “Máscara”, avistou através do vidro que separava o estúdio de gravação da mesa de som que os soldados se faziam presentes e cercavam a sede da rádio. Ao perceber que era chegada a hora em que não mais teriam como resistir, levantou-se de seu lugar e com maestria dirigiu-se ao seu companheiro de trabalho e falou: “Nazareno, temos visita”. Foi essa a última frase proclamada nos estúdios da valente e resistente Rádio Dragão do Mar.

### **O Ceará parava para ouvir “A Nossa Palavra”**

Em meio a um período marcado por intensa turbulência política tanto nacionalmente como em termos locais, foi ao ar pela primeira vez, no dia 25 de março de 1958, a Rádio Dragão do Mar. De grande prestígio popular, a rádio destacou-se principalmente por sua posição crítica diante de acontecimentos políticos ocorridos no Brasil durante os anos que correspondem à sua primeira fase de funcionamento, que vão de 1958 a 1964. Foi quando “as armas calaram a Dragão”, a qual teve seus transmissores lacrados pelos militares da ditadura, conforme Blanchard Girão expressa no título de seu livro. Este foi o redator do programa responsável pela grande audiência da emissora.

Diariamente, no horário de meio-dia e meia, o Nordeste e, em particular, o Ceará parava para ouvir a palavra oficial da rádio, conhecida como “A Nossa Palavra”. O comentário-editorial era escrito por Blanchard Girão e, eventualmente, Juarez Barroso e Eduardo Silva e lido pelo locutor Waldir Xavier. O conteúdo do editorial era de ampla abrangência. Discutia desde simples problemas de ordem pessoal até assuntos de maior gravidade que diziam respeito a toda a sociedade brasileira. Isso explica o sucesso da emissora e sua larga aceitação pelas camadas populares.

Nazareno Albuquerque, famoso jornalista cearense, locutor da Rádio Dragão do Mar em sua primeira fase, declara em vídeo produzido pelo Grupo de Pesquisa História e Memória da Radiodifusão Cearense, no ano de 2008:

A minha grande curiosidade era o conteúdo e o texto que me apaixonavam de Juarez Barroso e Blanchard Girão. Então, eram Juarez Barroso, que escrevia e produzia programas, e Blanchard Girão que produzia “A Nossa Palavra”, que era o editorial famosíssimo da Rádio Dragão do Mar. Cada linha era uma



advertência, cada linha tinha um peso político da maior dimensão. Então tudo que saía na “Nossa Palavra” editorialmente repercutia a nível político e nível de governo. E quando terminava a leitura pelo Waldir Xavier, que era o grande apresentador, eu recolhia “A Nossa Palavra” e começava a estudar o texto. Diariamente eu estudava o texto do Blanchard. As colocações, os adjetivos, as formas de ele adjetivar.

Desde 1956, o governo federal era comandado pelo PSD, sob a presidência de Juscelino Kubitschek. Já em âmbito local, desde o início da redemocratização até o ano de 1958, o estado do Ceará já havia sido governado por dois membros da UDN, Faustino de Albuquerque (1947-1951) e Paulo Sarasate (1955-1958). Em contrapartida, até então, o PSD havia eleito apenas um candidato, Raul Barbosa, que assumiu o comando do estado de 1951 a 1954, quando foi substituído por seu vice, Stênio Gomes.

Diante desta realidade, o PSD, visando retomar o poder estadual, teve a iniciativa de criar uma rádio cuja função seria de propagadora dos ideais pessedistas nas mais recônditas partes do território cearense. Graças à emissora, o partido atingiu seu objetivo, elegendo Parsifal Barroso a governador do Ceará. Portanto, desde o princípio, a Rádio Dragão do Mar assumiu um papel de oposição. O espírito combativo da rádio era expresso principalmente através do seu editorial, “A Nossa Palavra”.

Segundo Blanchard Girão, redator da palavra oficial da rádio e, posteriormente, deputado estadual:

Essa crônica construiu história no Ceará. Por toda parte os aparelhos estavam sintonizados com o prefixo da “Dragão” para ouvir a crítica inflamada, a condenação implacável, a denúncia abrasadora contra os desmandos locais, nacionais e internacionais. Sem medo de cometer uma heresia, e sem propósitos de incensamento, “A Nossa Palavra” foi a mais contundente produção jornalística falada de todos os tempos no Ceará. Ainda agora é lembrada com respeitosa saudade. (GIRÃO, 2005, p. 12)

“A Nossa Palavra” sempre apoiou o governo de JK. Quando houve a inauguração de Brasília, em 21 de abril de 1960, o famoso editorial se pronunciou, elogiando a grande realização do presidente. Dessa forma, na véspera, em 20 de abril de 1960, Eduardo Silva, substituindo Blanchard, que presenciou a inauguração da nova capital brasileira, escreveu:



Contrariando os espíritos pessimistas que não acreditavam em Brasília, vai o povo brasileiro inaugurar amanhã, em pleno centro do país, a mais bela Capital do mundo. Fruto do trabalho constante e persistente, exemplo do arrojo e da vontade; espelho do destemor e da coragem de um homem que em nenhum instante periclitou diante do cumprimento do dever, Juscelino Kubitschek. (GIRÃO, 2005, p. 163)

A credibilidade e o espírito combativo sempre foram traços marcantes de “A Nossa Palavra”. Isso pode ser comprovado a partir de um fato ocorrido no final de 1958, quando a rádio alcançou números extraordinários de audiência, antes mesmo de completar um ano de existência.

Nesse período, o editorial denunciava o que ficou conhecido como “inventário”. Eram nomeações com objetivos eleitoreiros que seriam aprovadas pela bancada da UDN, a qual possuía respaldo majoritário na Assembléia Legislativa Estadual. Diante dessas irregularidades do governo udenista, a “Dragão” não se calou. Então, numa atitude prepotente, o governo, através do general Severino Sombra, apreendeu o carro de transmissões da emissora, detendo seus ocupantes: os repórteres Eduardo Silva e Joseoly Moreira e o técnico Luiz Bravo, o “Mincharia”. Ao ser notificada do acontecimento, a rádio passou a exibir uma programação, condenando o ato governamental. Pressionado, Severino Sombra determinou a libertação dos três rapazes.

O famoso editorial, sempre com uma linguagem franca e corajosa, apoiou, durante a sucessão do presidente JK, a eleição do general Teixeira Lott, rival político de Jânio Quadros. A posição da rádio deu-se tanto por Lott ser o candidato do PSD, como por sua formação legalista comprovada. Como naquela época a candidatura do presidente não se vinculava à do vice, foram eleitos Jânio Quadros (UDN) e João Goulart (PTB).

Com a renúncia de Jânio, o Brasil ficou sem presidente por um breve momento, já que o vice, Jango, encontrava-se em viagem na China. Diante dessa situação, articulou-se um projeto golpista, visando implantar a ditadura no país. A partir desse quadro histórico, a emissora, através de sua palavra oficial, iniciou campanha a favor da posse de Jango.

Mais tarde, com João Goulart no poder, embora sem compromisso de cunho partidário, a emissora passou a apoiar o presidente. “A Nossa Palavra” defendia ferrenhamente as



reformas propostas por Jango, em especial a reforma agrária, pois via aí um caminho para mudar a realidade social do país, marcada pela desigualdade.

Todos esses fatores, marcados pelo caráter de oposição da emissora em relação aos desmandos nacionais e locais, expresso principalmente por sua palavra oficial, levaram ao que culminaria em seu fechamento, no ano de 1964. Entre os dias 31 de março e 1º de abril, tropas do exército invadiram os estúdios da emissora, prendendo os profissionais que se encontravam no local. Com o golpe, somente a censura militar pôde calar “A Nossa Palavra”.

### **O Renascimento**

Os militares conseguiram calar a “Dragão do Mar”, mesmo com todo seu prestígio, alegando que estavam tomando esta atitude em prol da democracia. A Rádio Dragão do Mar foi tomada pelo poder, afetando diretamente todo o povo cearense, além dos seus funcionários, que foram seriamente prejudicados. Mas o que muitos não sabem é que o fechamento não se deu apenas pelo golpe do 1º de abril. Havia outros motivos, desconhecidos pela grande maioria.

Depois de algum tempo do seu fechamento, começou a se pensar em uma maneira de tornar novamente aquele meio de comunicação um instrumento útil a toda a sociedade, deixando-o livre do abandono e desuso.

Os mesmos que tiveram a iniciativa de colocar a rádio fora do ar foram os que atentaram para a idéia de que era necessária a volta da emissora que tanto emocionou e atiçou o povo.

A missão da reabertura ficou a cargo do oficial da reserva do Exército, general Almir Macedo de Mesquita, que possuía estreitas ligações com o Sr. Moysés Santiago Pimentel, acionista majoritário da organização mantenedora da emissora. Desconfiava-se inclusive que o militar possuísse mais poderes do que um simples empregado.

Depois da conturbada fase, a “Dragão” não conseguiu voltar com a mesma força, ocorrendo uma descaracterização notável, começando pela mudança de local, ficando a





sede na esquina das conhecidas avenidas Antônio Sales e Senador Virgílio Távora. Blanchard Girão, jornalista que participou ativamente da rádio, descreveu em seu livro todas essas mudanças:

Aquela “Dragão” (58 a 64) já não era mais a “Dragão” querida do povo, em especial dos estudantes e trabalhadores. Não obstante a colaboração de alguns remanescentes da equipe de outrora, e do ingresso em seus quadros de outros profissionais de indiscutíveis méritos, a emissora não logrou reconquistar o prestígio de antigamente. Permaneceu “purgando” seus pecados, rezando terços e entoando hinos de louvor aos novos senhores do País, numa linha muito bem ajustada ao pensamento daqueles que a haviam fechado em defesa, diziam, da democracia. (GIRÃO, 2005, p. 108)

Começaria, depois dessa fase, um novo momento, no comando do ex-governador, Cel. César Cals de Oliveira, que não usaria os interesses políticos como critério para a escolha de sua equipe, conseguindo recuperar assim, o prestígio já esquecido da “Dragão do Mar”.

Devido à dedicação de seus dirigentes, Dr. Sérgio Cals de Oliveira e sua esposa D. Lumena Cals de Oliveira, a “Dragão do Mar” conseguiu completar 50 anos, apesar da luta que enfrentou na época de ditadura.

Houve ainda uma festa de comemoração dos seus 45 anos, promovida pelo Dr. Sérgio Cals, que reuniu antigos integrantes que fizeram história junto à emissora. Na Câmara dos Deputados, discursou o deputado Roberto Pessoa, relembrando a importância do rádio para uma integração social:

O rádio é muito mais que um simples veículo de comunicação. É um meio hábil, de fácil acesso e longo alcance. Ainda nos dias de hoje, o rádio chega em locais onde a televisão não chega, atinge populações que nunca imaginariam o que é um controle remoto. Mas o que faz uma emissora de rádio integrar a vida de uma comunidade e até transformá-la é a credibilidade de seus comunicadores e a qualidade de sua programação. Seguramente, a “Dragão do Mar” atendeu e atende a esses critérios. Parabéns a todos aqueles que fazem a emissora. Vida longa para a nossa Dragão do Mar. (GIRÃO, 2005, p.115)

Apesar de todos os esforços e conquistas, a rádio não resistiu às investidas do grupo católico Shalom e hoje já não está mais entre nós, deixando-nos órfãos da emissora que não nos deixava esquecer os grandes ideais a serem seguidos.



Há uma preocupação com a preservação dos materiais ainda existentes sobre a Rádio Dragão do Mar, pois os estúdios não estão mais em funcionamento na Rua 25 de Março. Essa história merece ser sempre lembrada por toda sua contribuição política e social.

O jornalista, radialista e presidente do Comitê de Imprensa da Assembléia Legislativa, Messias Pontes, falou sobre a importância da emissora para nosso estado e país, além de dar sua opinião sobre a venda da “Dragão do Mar”, mostrando-se entristecido pela perda irreparável que sofremos:

“A história do rádio cearense passa obrigatoriamente pela Rádio Dragão do Mar, pois essa emissora marcou época na radiofonia cearense e brasileira, já que foi uma das que integraram a Cadeia da Legalidade, comandada de Porto Alegre pelo então governador gaúcho Leonel Brizola, e que garantiu a normalidade democrática no país com a posse de João Goulart na presidência da República e a renúncia de Jânio Quadros. Durante todo o governo de Goulart, a Dragão do Mar esteve ao seu lado até o dia do golpe militar que infelicitou esta nação por longos 21 anos. Depois de algum tempo fora do ar, a Dragão retornou às suas atividades, mas com outra linha editorial. Com a redemocratização, em março de 1985, a Dragão passou a ter uma programação informativa (política, econômica, esportiva etc.) e musical. Para surpresa de todos, no final do ano passado, a Dragão foi vendida para o Shalom, um grupo fundamentalista católico, que dispensou todos os seus funcionários de forma arbitrária, ferindo todos os preceitos de direitos humanos. A histórica e heróica Rádio Dragão do Mar, mais uma vez foi calada, desta vez não mais pelas armas. Ela morreu, não mais existe. Por isso, a radiofonia cearense está mais pobre”.<sup>7</sup>

### **Considerações Finais**

O artigo que fizemos sobre o fechamento da Rádio Dragão do Mar, no período de ditadura, nos possibilitou perceber a importância da emissora para a história da radiofonia cearense, além de ajudar na construção da nossa iniciação à pesquisa.

A Rádio nasceu para apoiar o PSD (Partido Social Democrático), mas acabou liderando uma luta contra o regime militar, onde as armas eram apenas palavras, em favor da

---

<sup>7</sup> Trecho da entrevista realizada no dia 23 de junho de 2009.



liberdade de expressão. Mas em meio aos acontecimentos políticos da época, a “Dragão” não resistiu à pressão feita pelos “donos” do poder e acabou sendo fechada em abril de 64.

Depois de algum tempo calada, a “Dragão do Mar” voltou à ativa, mas não conseguiu o mesmo prestígio de outrora. Entretanto, com a dedicação de alguns ainda conseguiu atingir seus 50 anos de existência. Mesmo com toda sua rica história e contribuição social, a perdemos no final do ano passado (2008), com a venda da Rádio para o grupo católico Shalom.

### **Referências Bibliográficas**

GIRÃO, B. **Só as Armas Calaram a Dragão**. Fortaleza: ABC Editora, 2005.

FERRARETTO, L. A. **Rádio, o veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2001.

LÓPEZ VIGIL, J. I. **Manual Urgente para Radialistas Apaixonados**. São Paulo: Paulinas, 2003.

NAZARENO ALBUQUERQUE. Direção: Grupo de Pesquisa História e Memória da Radiodifusão Cearense. Realização: Universidade de Fortaleza. [Fortaleza: UNIFOR], 2008. 1 DVD (30 min)